

Maria José Cunha

Em 1990 iniciou as suas funções como Técnico Superior de Museografia, prestando serviço no Museu de Zoologia Dr. Augusto Nobre, posteriormente integrado no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, sob a designação de Sala de Zoologia Augusto Nobre. Desde Junho de 2004 que desempenha as funções de curadora da Sala de Arqueologia e Pré-História Mendes Corrêa do MHN, sendo responsável pelas colecções de Arqueologia, Etnografia, Numismática e Fotografia. No âmbito destas funções, procedeu à revisão, reorganização e informatização, de colecções arqueológicas e etnográficas, prestando ainda apoio a investigadores nacionais e estrangeiros, aos alunos dos vários graus de ensino e ao público em geral. Participa também em todas as actividades organizadas pelo Museu de História Natural, nomeadamente as que são desenvolvidas no âmbito das Noites Europeias dos Morcegos, do Programa Ciência Viva Geologia e Biologia no Verão, da Semana da Ciência e da Tecnologia e Festa na Baixa do Porto iniciativa do Centro Nacional de Cultura.

AS COLECÇÕES ANTROPOLÓGICAS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Maria José Cunha

Resumo

O Museu de Antropologia e Pré-História Mendes Corrêa do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências do Porto, cuja origem remonta ao início do século XX, possui um espólio que, embora desconhecido de uma parte considerável do grande público e até dos meios académicos, tem, no entanto, contribuído para inúmeros trabalhos de investigação e participado em exposições nacionais e internacionais. A exposição permanente, constituída essencialmente por colecções arqueológicas, está organizada de uma forma cronológica, que permite aos seus visitantes conhecerem peças que vão desde a Pré-história até à Época da Romanização. Na reserva, não visitável, existem colecções antropológicas, arqueológicas e etnográficas portuguesas e estrangeiras, de numismática e um considerável espólio fotográfico e documental (Cunha 2007, 198). Este projecto inclui estudos que incidem particularmente na constituição das colecções através da identificação e registo das peças, na história das diversas colecções antropológicas; na avaliação do estado de conservação, propondo os meios adequados ao controlo efectivo das condições ambientais, nomeadamente da luz, da temperatura e da humidade relativa; a reorganização dos espaços e das colecções e a contextualização das colecções através da sua musealização, valorizando a sua função e lugar no discurso expositivo.

Palavras-chave: Colecções, História, Conservação

Abstract

The Museu de Antropologia e Pré-História Mendes Corrêa at the Museu de História Natural of Faculdade de Ciências do Porto, which origin go back to the beginning of the XX century, has a collection that is largely unknown to a majority of the general public and even to academics. Nevertheless it has contributed to innumerable research works and has also been displayed at exhibitions both in Portugal and abroad. The permanent exhibition consists mainly of archaeological collections and is organised in chronological order enabling visitors to examine pieces ranging from prehistory to Roman times. At the storage facilities, which cannot be visited, are preserved Portuguese and foreign anthropological, archaeological and ethnographical collections, numismatics and a substantial photographic and documentary archive (Cunha 2007, 198). This project comprises studies that happen particularly in constitution of the collections through the identification and register of the objects, the history of the diverse collections; the evaluation of the state of conservation, considering the means adjusted to the effective control of the ambient conditions, such as light, temperature and the relative humidity; organization of the spaces and the collections; and the put into context the collections through its musealization valuing its function and place in the exhibition speech.

Keywords: Collections, History, Conservation

Introdução

O Museu de Antropologia e Pré-História Mendes Corrêa, um dos polos do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, possui no seu acervo, um conjunto de colecções osteológicas, com elevado valor histórico e científico, como o demonstram os inúmeros trabalhos de investigação de que foram objecto ao longo do tempo e que reflectem, sem dúvida, a evolução dos estudos de Antropologia ao longo das últimas décadas.

Em 1912, quando na recém formada Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, se começou a leccionar a cadeira de Antropologia, pelo seu primeiro professor António Augusto Esteves Mendes Corrêa, o seu programa consistia basicamente na descrição de caracteres físicos, dedicando uma particular atenção às determinações craniométricas.

Acreditava que “... às diversidades físicas correspondem diferenças psíquicas, comportamentos diversos, ainda que estas diferenças sejam mais de conjunto, entre médias, do que dum indivíduo pertencente a uma raça ou a um tipo constitucional para outro indivíduo doutra raça ou constituição, e sejam muitas vezes mínimas ou dificilmente apreciáveis quer por estudos psicológicos directos, quer pelo exame do papel histórico do grupo” (Corrêa 1940, 1).

Ou seja, o estudo do indivíduo consistia na análise das suas características físicas e na ausência do vivo restava o estudo do seu esqueleto e muito particularmente do crânio. O aproveitamento político destes conceitos e os eventos da Segunda Guerra Mundial, levaram a que os estudos antropológicos fossem quase abandonados e muitas destas colecções fossem esquecidas.

Actualmente assiste-se a uma redescoberta deste acervo, tendo-se evoluído para a sua utilização como testemunho da história do Homem, porque através da análise dos seus elementos esqueléticos é possível definir o seu estado geral de saúde, que tipo de actividades desenvolviam e o seu tipo de alimentação, bem como definir a sua cronologia e até as suas afinidades genéticas.

Assim, o interesse que tem surgido sobre estas colecções, criou a necessidade da sua catalogação, reorganização e conservação.

Metodologia

Os principais problemas que se colocaram à sua catalogação consiste, na diversidade dos inventários existentes, todos incompletos e com conteúdos diferentes, e que consistem num livro de inventário iniciado em 1928, mas fazendo referência a espólio entrado desde 1926, um registo em fichas de papel, registos

informatizados em diversas aplicações desde o *Dbase*, passando pelo *Approach*, *Excel* e actualmente um programa comprado pela Reitoria da Universidade do Porto denominado *Index Rerum*. Este facto constituiu sempre um obstáculo à elaboração rigorosa do inventário, porque a dispersão da informação e por vezes a simples migração dos dados entre as diversas aplicações informáticas levou à perda de dados importantes.

Aliado à questão informática está o factor humano, visto os inventários terem sido elaborados por pessoas com diversas formações, em momentos muito afastados temporalmente e casuisticamente mediante o interesse do momento, sem continuidade.

Como se verifica frequentemente em estudos semelhantes, existe um conjunto significativo de espólio que não têm qualquer tipo de identificação, bem como colecções a que faltam peças, de acordo com as publicações mais antigas.

Embora as colecções estejam organizadas de acordo com a sua proveniência, a exiguidade dos espaços obriga a que muitas vezes exista alguma dispersão, pelo que é necessário reorganizar as colecções. A reserva, onde se encontram as colecções osteológicas ocupa cerca de 60 m², divididos com a totalidade das colecções etnográficas e todos os materiais arqueológicos não expostos, ou seja, com vários milhares de peças.

Como é evidente, a conservação das colecções osteológicas poderia também beneficiar de um espaço mais amplo, visto terem de ser acondicionadas em tabuleiros de madeira e em contentores plásticos, frequentemente com um número excessivo de peças.

Os espaços da reserva mantêm-se na obscuridade e a arquitectura do espaço permite que a temperatura e a humidade relativa, que são medidas semanalmente, se mantenham dentro de parâmetros aceitáveis, considerando que o ambiente não tem qualquer tipo de controlo. Entre Outubro de 2008 e Agosto de 2009 os valores de temperatura variaram entre os 15° (Janeiro) e os 25° (Agosto), enquanto a humidade relativa entre 38% (Março) e 59% (Agosto).

Além da monitorização das condições ambientais, monitorizam-se a eventual presença de insectos através de armadilhas sem insecticidas.

Pretende-se também fundamentar a história das colecções, elemento importante na sua contextualização, na documentação existente, praticamente inédita, mas dispersa e sem qualquer tipo de inventário ou registo. Para algumas colecções, as publicações mais antigas são o único recurso para conhecer a sua proveniência.

O Museu possui ainda um conjunto de fotografias que além de acrescentarem alguma informação, permitirão uma ilustração da história do Museu, contribuindo também para a contextualização das várias colecções, podendo tornar-se um factor de diálogo expositivo com o público.

Constituição e história das colecções

Tradicionalmente as diversas colecções do Museu de Antropologia dividem-se em três áreas, Portugal, Colonial e Estrangeira, quer sejam antropológicas, arqueológicas ou etnográficas, mantendo-se a designação colonial por questões históricas.

As colecções osteológicas têm sido todas registadas como arqueológicas, pelo facto de as mais numerosas serem efectivamente provenientes de sítios arqueológicos e também por não existir uma ficha informática especialmente elaborada, mas que será incluída em breve no actual programa de inventário.

Em 1930 o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, segundo a *Notice Sommaire* apresentada ao XV Congresso Internacional d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique realizado em Coimbra, possuía na colecção osteológica portuguesa 173 crânios, 125 dos quais identificados, 41 esqueletos portugueses identificados e mais de 400 ossos isolados dos membros e numerosas mandíbulas. Existiriam ainda, 5 crânios da Guiné Portuguesa, dos quais 2 com o esqueleto do tronco e dos membros, 7 crânios de Angola, 6 da Índia Portuguesa, 2 do Brasil e 1 da Argentina. É ainda feita referência a crânios e esqueletos de chimpanzé, gorila, *Cercopithecus*, *Cynocephalus*, *Hapale*, etc..

Segundo a edição da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, em 1934, sobre “O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação científica colonial”, existia a designada Sala de Antropologia Física “... com uma colecção osteológica portuguesa e colonial, uma colecção de 20 crânios senegaleses oferta do Dr. Jouerre, alguns crânios e esqueletos de Primatas, moldes faciais de várias raças, etc.”.

No entanto, o censo das colecções não confirma todos estes dados, especialmente nas colecções portuguesas contemporâneas, que constituem as designadas colecções de estudo e material de aulas (colecções de Portugal), cujo número de crânios e esqueletos é substancialmente inferior. O Departamento de Zoologia/Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto possui também um conjunto numeroso de peças usado nas aulas práticas, que será inventariado, e que possivelmente são a parte restante desta colecção.

A colecção osteológica identificado como sendo a de estudo, que seria proveniente da recolha de cemitérios do Porto durante os primeiros anos do século XX, está reduzida a 6 crânios e alguns ossos longos.

Segundo o livro de inventário antigo e o registo em papel, deram entrada materiais osteológicos dos variadíssimos sítios arqueológicos portugueses, mas de muitas estações apenas existem fragmentos de dimensões reduzidas.

Apenas as colecções mais estudadas, Muge, Eira Pedrinha ou S. Paio d'Antas, tinham um inventário mais pormenorizado, em papel, mas na maioria apenas existe a referência à existência de material osteológico e muitas vezes sem que este esteja assinalado ou separado do material lítico ou cerâmico.

De todos os sítios referidos, consideram-se estes os mais significativos, em qualidade ou quantidade do espólio:

- Alenquer, Cadafais, Caverna dos Refugidos;
- Alenquer, Castro da Pedra D'Oiro;
- Alenquer, Caverna das Águas;
- Alenquer, Ota, Quinta das Lages;
- Condeixa-a-Nova, Eira Pedrinha, Covão d'Almeida;
- Elvas, Terrugem;
- Esposende, S. Paio d'Antas;
- Ferreira do Alentejo, Odivelas ;
- Salvaterra de Magos, Muge, Cabeço da Amoreira;
- Salvaterra de Magos, Muge, Cabeço da Arruda;
- Salvaterra de Magos, Muge, Moita do Sebastião;
- Setúbal, Alcácer do Sal;
- Vimioso, Gruta de Santo Adrião.

Todas estas colecções têm, além do seu valor científico intrínseco, um valor histórico acrescido, dado terem sido recolha e/ou oferta de homens como António A. Esteves Mendes Corrêa, Joaquim R. dos Santos Júnior, Vergílio Correia, Camarate França, Hipólito Cabaço, Alfredo Athayde, Carlos Teixeira ou Abel Viana ou Agostinho Farinha Isidoro. Foram e são objecto de estudo, sendo numerosas as publicações que permitem descrever a sua história.

As designadas colecções coloniais contêm material das seguintes proveniências:

- Da Índia o Museu possui os famosos 6 crânios de Satary, colheita e oferta de Artur Augusto Fonseca Cardoso e publicados por Mendes Corrêa em 1916. São provenientes do cemitério de Sanquelim, território de Goa (um feminino com a respectiva mandíbula e quatro masculinos) e de um indivíduo de Cudnem (perto de Sanquelim, morto em combate em Novembro de 1895 (Corrêa 1916, 251).
- Sobre Angola, António A. Mendes Corrêa publicava em 1915 o primeiro trabalho de antropologia colonial, que consistia numa pequena notícia sobre alguns crânios de “negros Mossumbes”, de Quissala, arredores de Novo Redondo, enviados por um sacerdote, seu amigo, Claudino de Nazareth Brites (Corrêa 1915, 1).
- Da Guiné estão registados dois esqueletos completos e uma mandíbula. Mendes Corrêa na Notícia apresentada ao I Congresso Nacional de Antropologia Colonial em 1934, refere a existência de cinco crânios, dois dos quais com o restante

esqueleto, como sendo Papéis (Mendes 1934, 14). Um dos esqueletos possui a inscrição de ter sido montado pelo preparador A. M. Cunha do Instituto de Anatomia do Porto com a data de 1951.

– De Moçambique foram oferecidos por António Liz Ferreira quatro crânios com as respectivas mandíbulas, provenientes da Angónia (zona a norte do rio Zambeze, distrito de Tete), três de Angónis e um de Chipeta (Magalhães 1945, 1). Existe ainda um crânio oferta do Dr. Fernando Barros em Setembro de 1948 (nota em etiqueta junto da peça). As restantes peças (um crânio e outros ossos) foram oferecidos por Joaquim Santos Júnior em 1948, provenientes de Nicuadala, de acordo com as inscrições existentes nas peças e poderão ter sido recolhidos para o Museu de Antropologia durante alguma das suas deslocações, já que foi o chefe das Missões Antropológicas e Etnológicas de Moçambique. Nas suas publicações faz muitas vezes referência à aquisição de peças para as colecções do museu (Santos Júnior 1944, 6; 1946, 461).

– Das colecções de proveniência estrangeira apenas existem peças da Argentina, Brasil e Burkina Fasso.

– Da Argentina, cujo registo em 1928 refere, “*Craneo e outros restos ósseos (6 vértebras) de 1 índio do Delta do Paraná (Argentina) (colheita Jan 1921) – oferta do sr. Prof. Lehmann-Nitsche, da Universidade de Buenos Aires por intermédio do sr. Prof. Bento Carqueja*”. Actualmente o conjunto, identificado como tal, consiste numa porção da face que inclui os malares com órbita inferior e maxila superior, o ramo direito da mandíbula e cinco fragmentos não identificáveis.

– Do Brasil temos o registo de dois crânios e um frontal de índios do Brasil, oferta da família Braga Júnior em 1929 por intermédio de Augusto Nobre, que efectivamente existem em reserva.

– Existe ainda uma interessante colecção de crânios, mandíbulas e na maior parte dos casos das primeiras duas ou três vértebras cervicais do Burkina Fasso. Estão marcados com a designação “Mossi” e/ou “Ougadougou” e que serão com certeza os crânios referidos na publicação da 1ª Exposição Colonial Portuguesa, de 1934, “O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação científica colonial”, segundo a qual existia “*uma colecção de 20 crânios senegaleses oferta do Dr. Jouerre*”. Isto porque, Ouagadougou é a capital do Burkina Fasso, antigo Alto Volta. Em 1896 o reino Mossi de Uagadugu tornou-se protectorado francês e em 1904, estes territórios foram integrados na África Ocidental Francesa, no coração da colónia do Alto-Senegal-Níger.

O *Dr. Jouerre*, seria Pierre Jouenne, militar e médico da Assistance Médicale Indigène (Barros 1990, 158), que prestava assistência nos territórios franceses da África Ocidental e efectivamente terá existido um dispensário em Ouagadougou

(http://www.asnom.org/fr/620_assistance_medicale_indigene.html). Como era habitual na época, os oficiais em serviço no estrangeiro recolhiam artefactos durante as suas expedições. Nesta colecção faltam algumas peças, mas constitui um testemunho da diversidade e importância que o Museu de Antropologia e o seu fundador tinham internacionalmente.

No espólio humano do Museu de Antropologia, existem ainda duas peças que despertam sempre o interesse do público e dos investigadores que são as múmias egípcias, actualmente objecto de um projecto de investigação multidisciplinar que pretende determinar o sexo, idade à morte, estatura, patologias identificáveis, bem como e se possível determinar a sua proveniência e história, já que apenas sabemos como chegaram a Portugal.

Além dos materiais humanos o Museu possui ainda um conjunto de colecções osteológicas não humanas, tendo particular importância na área da Arqueologia o espólio de Muge e um conjunto de esqueletos completos montados e numerosos ossos soltos de gorila (*Gorilla gorilla*), recolhidos entre 1934 e 1937 por António Liz Ferreira na Floresta do Maiombe em Cabinda, Angola e oferecidos em 1937 (Liz Ferreira *et al.* 1945, 4).

Existe ainda esqueleto completo e montado de um babuíno (*Papio papio*), esqueleto completo e montado e um crânio de sagui-comum (*Hapale jachus = Callithrix jachus*), aquele foi oferecido em 1929 por Pedro Aguiar por intermédio de Alfredo Athayde; um crânio com mandíbula de *Cynocephalus hamadryas* fêmea, crânio de *Cercopithecus* sp. com local de colheita em Luanda, Angola, crânio com mandíbula de *Cercopithecus solatus* e um crânio de chimpanzé fêmea (*Pan troglodytes*).

O Museu de Zoologia Augusto Nobre, outro dos núcleos do Museu de História Natural possui ainda dois esqueletos completos e montados de chimpanzé, bem como um conjunto de crânios com mandíbula de diversos outros Primatas, todos de pequeno porte.

Todas estas colecções poderão também contribuir para um conjunto de estudos relacionados com a distribuição das espécies de Primatas e até da sua evolução, questões estas profundamente actuais e alvo de discussão permanente, cuja importância é evidenciada pelas iniciativas desenvolvidas durante todo este ano pelo mundo inteiro, relacionadas com as comemorações do bicentenário do nascimento de Charles Darwin e dos 150 anos da publicação de “A origem das espécies”, de que é exemplo a exposição organizada pelo Museu de História Natural da FCUP e patente até 24 de Novembro: “Charles Darwin (1809-2009) – Evolução e Biodiversidade”.

Estas colecções permitirão ainda desenvolver investigação nas áreas da Arqueologia, Arqueozologia, de Antropologia cultural e física, dos povoamentos da Europa, da linguística e da origem dos seus povos.

Referências

- Barros, P. (1990) in *A History of African archaeology*, ed. Peter Robertshaw, James Currey Publishers, London, p. 378
- Corrêa, A.A.E.M. (1915) Sobre três crânios de negros Mossumbes, *Laboratório Antropológico da Faculdade de Ciências do Porto*, pp.1-15
- Id.* (1916) Sobre alguns crânios da Índia portuguesa, *Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto*, III (3), pp. 249-287
- Id.* (1930) Institut d'Anthropologie de la Faculté des Sciences de l'Université de Porto, *Notice Sommaire. XV Congresso International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 1-38
- Id.* (1934) O Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e a investigação colonial, I Congresso Nacional de Antropologia Colonial, Edições da *1ª Exposição Colonial Portuguesa*, pp. 1-24
- Id.* (1940) *Da raça e do espírito*, Instituto de Antropologia, Porto, p. 307
- Cunha, M.J. (2007) Arqueologia e Pré-História (Museu de História Natural), *In Anotações sobre densidade e conhecimento*, Universidade do Porto, Porto, p. 248
- Liz Ferreira, A.J.; Athayde, A.; Magalhães, H. (1945) Gorilas do Maiombe Português, *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, Memórias Série Zoológica*, I, Ministério das Colónias, Lisboa, p. 168
- Magalhães, H. (1945) Subsídio para a craniologia dos Angónis e Chipetas de Moçambique, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XXX, p. 1-12
- Santos Júnior, J.R. (1944) Missão Antropológica de Moçambique, *Las Ciencias IX (3)*, Madrid, p. 1-10
- Id.* (1946) Missão Antropológica de Moçambique, *Anais da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais*, I, Ministério das Colónias, Lisboa, p. 453-463
- Id.* 1963: Museus da Faculdade de Ciências do Porto, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, XXVI (1-2), 1963, p. 1-22
- http://www.asnom.org/fr/620_assistance_medicale_indigene.html, acedido em 04/06/2009